

# “Minha Casa, meu Trabalho...”: Trabalho Domiciliar na Indústria de Confecções de Goiás

**Alessandro Gomes Enoque**

Universidade Federal de Uberlândia  
E-mail: alessandroenoque@yahoo.com.br

**Alex Fernando Borges**

Universidade Federal de Uberlândia  
E-mail: alexfborges@gmail.com

**Luiz Alex Silva Saraiva**

Universidade Federal de Minas Gerais  
E-mail: lassaraiva@uol.com.br

## Resumo

Este trabalho tem, por objetivo, compreender as configurações do trabalho domiciliar na cidade de Jaraguá/GO (importante pólo produtor nacional de confecções). Em uma pesquisa qualitativa, foram realizadas 15 entrevistas semi-estruturadas no período de abril a setembro de 2012, material tratado por meio da análise do discurso. Os dados da pesquisa sugerem uma extensa rede de subcontratação de pequenas “facções” que exercem atividades (informais) de costura e acabamento para várias empresas do país. Pôde-se constatar, ainda, um quadro de precariedade com baixos salários, insalubridade, longas jornadas, bem como ausência de direitos sociais, o que revela uma dinâmica contraditória de acumulação e riqueza por parte das empresas contratantes, e de empobrecimento e precarização no que tange ao processo produtivo que sustenta tais organizações.

**Palavras-chave:** Trabalho Domiciliar. Confecções. Jaraguá/GO. Gênero.

Artigo submetido em 30/04/2014 e aprovado em 15/07/2014, após avaliação double blind review. Editor científico: Diogo Helal.

# "My Home, my Work... " Homework in the Goiás Clothing Industry

**Alessandro Gomes Enoque**  
Universidade Federal de Uberlândia

**Alex Fernando Borges**  
Universidade Federal de Uberlândia

**Luiz Alex Silva Saraiva**  
Universidade Federal de Minas Gerais

## **Abstract**

This study has for objective to understand the settings of homework in the city of Jaraguá/GO/Brazil (major hub producer of clothing). In a qualitative study, 15 semi-structured interviews were conducted in the period april to september 2012, treated material through discourse analysis. The survey data suggests an extensive network of subcontracting small "factions" that perform activities (informal) sewing and finishing for various companies in the country. We could also find a picture of poor quality with low wages, unsanitary conditions, long hours and lack of social rights, which reveals a contradictory dynamic of accumulation and wealth by the contractors, and impoverishment and instability in relation to the production process that sustains such organizations.

**Keywords:** Homework. Clothing. Jaraguá/GO/Brazil. Gender.

**Manuscript received on April 30, 2014 and approved on July 15, 2014, after one round of double blind review.**

## **1 Introdução**

De acordo com dados do Censo Populacional Brasileiro do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010), a cidade de Jaraguá encontra-se na mesorregião do Centro Goiano, especificadamente na microrregião de Anápolis. Com uma população de, aproximadamente, 41.888 habitantes e uma renda per capita da ordem de R\$ 8.286,12, a cidade apresenta um número de empresas formalizadas e atuantes nos diversos setores da ordem de 1.241.

Com uma economia originalmente ligada ao agronegócio, especialmente, voltado para as culturas de abacaxi, milho e feijão, a cidade de Jaraguá iniciou, a partir de meados da década de setenta, seu direcionamento rumo ao desenvolvimento de um pólo de confecções (especialmente na fabricação de jeans). Atualmente, acredita-se que exista, na cidade, um total de aproximadamente 800 confecções (entre formais e informais) que fabricam jeans e outros produtos como: malhas, camisaria, roupas de banho, entre outros. Tal processo produtivo, composto pelas atividades de criação, corte, costura, lavanderia e acabamento, é realizado por uma imbricada e complexa rede de relacionamentos intra e interorganizacionais, que apresenta uma ampla distribuição espacial de empresas formais e informais ao longo de toda a cidade, em seus mais variados tamanhos e formatos, culminando em atividades que são executadas no espaço do domicílio.

O objetivo fundamental deste trabalho consiste, exatamente, em melhor compreender as configurações do trabalho domiciliar em um importante pólo de confecções do Estado de Goiás (Jaraguá/GO).

Este artigo encontra-se estruturado nas seguintes seções, além desta introdução: Referencial Teórico; Método (Coleta de Dados e Análise de Dados); Discussão de Resultados (Implicações para a Teoria e Implicações para a Prática); Conclusões (Limitações da Pesquisa e Sugestões para Pesquisas Futuras); e Referências.

## **2 Referencial Teórico**

A escassez de estudos históricos específicos sobre a natureza do trabalho domiciliar está relacionada, potencialmente, as dificuldades no acesso as fontes. Estes trabalhadores não aparecem, pelo menos diretamente, nas estatísticas oficiais dos diversos governos nem nos documentos de organizações sindicais e de empregadores. Aliado a esta realidade, as

barreiras documentais tornam-se ainda maiores se observarmos que grande parte da mão-de-obra alocada nesta atividade é composta de mulheres, enquanto grande parte da produção discursiva nas diversas sociedades é produzida dentro do universo masculino.

A dificuldade da matéria não implica, necessariamente, em impossibilidade. Relatos a respeito desta atividade poderiam ser buscados no período compreendido entre os séculos XVI e XVII. Conforme nos mostram Abreu & Sorj (1993, p.11),

[...] o trabalho industrial a domicílio tem suas raízes [...] na Europa com a emergência da economia doméstica, quando vida familiar e trabalho estavam intimamente interligados. Marido, mulher e filhos, em geral, trabalhavam juntos na própria casa utilizando algum tipo de maquinário rudimentar para fabricar artigos das mais variadas espécies.

Em sua análise a respeito da dinâmica fundamental da sociedade russa posterior à reforma de 1861, Lenin (1985) nos mostra que a indústria doméstica presente naquele país, que difere em demasia e é anterior à perspectiva marxiana sobre trabalho industrial à domicílio, refere-se, fundamentalmente, a transformação dos produtos primários no mesmo estabelecimento da família camponesa que os extrai. De acordo com Abreu (1986), a família seria, neste sentido, uma unidade de produção, cujos membros deteriam uma certa igualdade na responsabilidade face ao processo produtivo e, também, uma restrita, embora precária, independência econômica enquanto grupo.

Para Lenin (1985), este tipo de indústria (doméstica) seria um atributo indispensável da economia natural e seus vestígios subsistiriam quase sempre onde existisse um pequeno campesinato. É compreensível, portanto, que as publicações russas sobre economia façam constantes referências a indústrias desse gênero (elaboração doméstica de artigos de linho, de cânhamo, de madeira, para auto-consumo), principalmente no que diz respeito as chamadas indústrias dos *kustares*.

Analisando os contornos da formação da classe operária inglesa no século XIX, Thompson (1987) aponta na direção de algumas transformações importantes na composição da denominada indústria doméstica. Para o autor, no período posterior a 1800, “[...] os pequenos mestres foram cedendo lugar aos grandes empregadores (industriais ou atacadistas), e a maioria dos tecelões e dos fabricantes de pregos tornaram-se trabalhadores assalariados externos, com um emprego mais ou menos precário” (Thompson, 1987, p.22).

É dentro desta perspectiva que Pennington & Westover (1989, p.31) apontam para a diferenciação existente entre a Indústria Doméstica e o conceito marxiano moderno de trabalho industrial à domicílio. Para as autoras, trabalho externo, como pode ser compreendido sobre o sistema doméstico de manufatura teria pouco em comum com o que Marx convenciou conceituar como a moderna indústria domiciliar capitalista.

[...] Essa assim chamada moderna indústria domiciliar nada tem em comum, exceto o nome, com a antiga, que pressupõe artesanato urbano independente, economia camponesa autônoma e, antes de tudo, uma casa da família trabalhadora. Ela está agora transformada no departamento externo da fábrica, da manufatura ou da grande loja. (Marx, 1988, p.68)

Fica patente na citação acima, que a perspectiva marxiana tende a compreender o trabalho domiciliar como um elemento complementar da grande indústria. Seu objetivo não seria, de forma alguma, substituir o emprego formal típico, mas servir como uma alternativa barata em momentos de instabilidade de demanda.

É importante destacar que grande parte da perspectiva marxiana sobre a ideia de trabalho domiciliar pode ser encontrada no capítulo XIII do Capital. Apesar de não ser esta a problemática fundamental tratada no capítulo, a apresentação das condições de surgimento e perpetuação deste tipo de trabalho em meados do século XIX nos dá algumas indicações sobre como o tema é tratado pelo autor.

Na verdade, a discussão inicia-se com uma explanação sobre a forma como se daria a superação da cooperação baseada no artesanato e da manufatura pela maquinaria. Para Marx (1988), a necessidade de aumentos consideráveis de produtividade traria como demanda uma modificação na forma como é organizada a produção. Nesta perspectiva, a maquinaria toma um papel fundamental na substituição da força humana como elemento principal do processo.

A transição para o sistema fabril seria, no entanto, um processo extremamente complexo e particularizado. É particularizado no sentido de que cada setor industrial se adaptaria de maneira distinta dos demais. Segundo Marx (1988), as particularidades inerentes a cada processo produtivo auxiliariam ou dificultariam tal transição. Assim, "[...] essa metamorfose continua a mais difícil onde a produção manufatureira de mercadorias não é constituída por uma sequência de processos de desenvolvimento, mas por uma multiplicidade de processos díspares". (Marx, 1988, p.69)

Em relação ao fato de que a transição seria complexa, Marx (1988) nos mostra que tal processo poderia abarcar uma série de formas transitórias de organização da produção e do processo de trabalho. É dentro desta perspectiva que o autor nos situa na problemática do trabalho industrial domiciliar. Para ele, esta forma atípica de trabalho estaria inserida, somente, em um momento histórico em que a cooperação baseada no artesanato e a manufatura estaria superada pela maquinaria. Cumpre dizer, no entanto, que o momento histórico de implantação do sistema fabril dependeria em grande parte, como foi dito acima, das particularidades inerentes de cada processo produtivo e das possibilidades de ganho do capital.

Utilizando os exemplos das indústrias de *lace finishing*, das rendas de bilro e entrançamento de palhas, Marx (1988) nos aponta algumas características importantes desta moderna indústria domiciliar. Um importante aspecto destacado pelo autor diz respeito, exatamente, a uma modificação na composição do trabalhador coletivo que atua na atividade domiciliar em meados do século XIX. Há, por assim dizer, uma transição de uma mão-de-obra essencialmente masculina para outra, barata e imatura, composta de mulheres e crianças.

Para Pennington & Westover (1989), a presença de uma mão-de-obra não sindicalizada, fragmentada e sensível a baixos salários fortaleceu, em demasia, a posição patronal e diminuiu, consideravelmente, o poder de barganha dos sindicatos. Cumpre dizer que a utilização de trabalhadores domiciliares em momentos de flutuação de demanda inibiu o crescimento do movimento sindical e do nível geral de salários da classe trabalhadora.

Para Marx (1988), uma outra característica do trabalho domiciliar moderno diz respeito ao papel da tecnologia e, conseqüentemente, dos avanços tecnológicos na configuração do mesmo. Para o autor, o aumento do capital investido em máquinas de costura pelas empresas durante o período da Revolução Industrial, por exemplo, proporcionou a saturação do mercado e a possibilidade de venda para o trabalhador domiciliar individual.

Pennington & Westover (1989) apontam, ainda, que o período de meados do século XIX foi particularmente eficiente na utilização combinada de inovações tecnológicas e trabalho domiciliar. Na verdade, os autores nos mostram que a pretensa competição entre máquinas e trabalho manual domiciliar nem sempre prevaleceu e que certas inovações tecnológicas geraram, sobretudo, um incremento no volume de atividades domiciliares.

É importante destacar, no entanto, que a opção pela mecanização ou pela utilização do trabalho a domicílio baseou-se em algumas variáveis importantes. A primeira diz respeito, basicamente, ao tipo de produto fabricado. De acordo com Pennington & Westover (1989), produtos de qualidade superior poderiam ser melhor obtidos com a utilização de mão-de-obra domiciliar, enquanto produtos de qualidade inferior poderiam, facilmente, ser supridos pela utilização de maquinaria. A natureza do processo produtivo envolvido seria, também, um fator bastante importante na opção pela mecanização.

Um último fator importante na escolha, por parte do empresariado, da utilização ou não do trabalho domiciliar (em contrapartida a mecanização) em determinada atividade estava relacionado aos custos de suprimento da mão-de-obra. Uma vez que grande parte da mão-de-obra envolvida na atividade domiciliar era essencialmente feminina, a existência de baixos e irregulares salários para os trabalhadores masculinos, a abundância numérica de mulheres em determinada localidade e a possibilidade das mesmas encontrarem empregos alternativos fez com que determinadas localidades utilizassem, com mais ênfase, o trabalho domiciliar. É o caso, por exemplo, da indústria de confecção londrina de meados do século XIX, conforme nos mostra Pennington & Westover (1989).

A utilização de equipamentos (máquina de costura, por exemplo), aliada a divisão do trabalho e a simplificação das tarefas, na atividade domiciliar, possibilitou que uma série de trabalhadores não-qualificados viessem a ser encampados no processo produtivo.

Dentre uma série de trabalhadores não-qualificados aptos a trabalharem na atividade domiciliar, destacaram-se as mulheres e crianças (normalmente, filhos). No que se refere à utilização de mão-de-obra infantil, alguns aspectos importantes devem ser destacados. O primeiro diz respeito ao fato de que, normalmente, desempenharam atividades como forma de auxílio à mãe trabalhadora, ou seja, não eram pagos diretamente pela execução da atividade, mas eram parte contribuinte na produção da unidade doméstica. Em consequência disto, os custos com a utilização desta mão-de-obra eram mínimos. Um outro aspecto importante a ser destacado neste ponto é o de que os custos de supervisão e treinamento desta mão-de-obra (infantil) não eram de responsabilidade do empregador e, sim, da família (leia-se, mãe trabalhadora). No que se refere à supervisão destes trabalhadores, a mesma tende a confundir os papéis de supervisor/empregado com os de pais/filhos modificando, consideravelmente, a natureza das relações de mando/subordinação. No tocante ao treinamento, a abundância de mão-de-obra já treinada em uma determinada localidade (distrito industrial), aliado a existência de

instituições de ensino especializadas (escolas de costura, por exemplo) e o aprendizado informal proporcionado por parentes e amigos, reduziam, sobremaneira, os custos do empregador.

Matos (1993) nos mostra, para a realidade da costura de sacaria de juta, que a penetração do universo da fábrica no seio das famílias trabalhadoras gerou uma série de condições adversas como, por exemplo, a ocorrência de doenças (tuberculose, doenças de pele e sequelas irremediáveis na visão, principalmente). Analisando a indústria de confecção inglesa, Pennington & Westover (1989) nos mostram, ainda, que a permanência dos trabalhadores domiciliares na mesma posição durante horas a fio resultava em fortes dores nas costas e no pescoço.

No que se refere à possibilidade de aquisição pelos trabalhadores domiciliares dos seus instrumentos de trabalho, Marx (1988), afirma que a matéria-prima dispendida pelo trabalhador era fornecida, em grande parte, pelo empregador. A constatação desta realidade parece ensejar algumas considerações importantes. Em primeiro lugar, a ideia de que a autonomia sobre a atividade desempenhada pelo trabalhador domiciliar é relativa e restrita. Embora haja certa áurea positiva em relação à flexibilidade do tempo dispendido por estes trabalhadores ao longo do dia, e este fator acaba mascarando a realidade da exploração capitalista, nota-se um controle por parte do empregador no fornecimento da quantidade, qualidade e tipo da matéria-prima, nas especificações do processo produtivo, prazos de entrega, além da verificação da qualidade do produto final fornecido pelo trabalhador.

É importante destacar, no entanto, que para Marx (1988) a atividade desempenhada pelo trabalhador domiciliar é parcelizada, ou seja, o mesmo executa somente algumas tarefas específicas do processo produtivo externalizadas pela grande indústria. Perspectiva semelhante pode ser observada em Abreu & Sorj (1993, p.47) ao afirmar sobre a realidade da costura domiciliar no Rio de Janeiro que “[...] o trabalho realizado pelas costureiras a domicílio implica montar as peças, que já vem cortadas de fábrica, na máquina de costura de sua propriedade”.

Um ultimo aspecto importante levantado em Marx (1988) diz respeito à sazonalidade da atividade domiciliar e a conseqüente irregularidade do emprego. Para o autor, “[...] as manufaturas dessa esfera devem sua origem principalmente à necessidade capitalista de ter à mão um exército adequado a qualquer flutuação da demanda, pronto para ser mobilizado” (Marx, 1988, p.76-77).

De acordo com Bruschini & Ridenti (1993, p.83), o trabalho domiciliar, apesar de ser pouco estudado na bibliografia brasileira, é, quase sempre, definido no sentido que lhe foi atribuído por Marx (1988), ou seja, “[...] como uma atividade externa à indústria, realizada no domicílio, e não como qualquer afazer implementado no âmbito doméstico”.

Neste sentido, Lenin (1985, p.281), ao fazer referência ao trabalho domiciliar como sendo “[...] a forma mais liberal de exploração capitalista”, o define, em uma perspectiva próxima a Marx (1988), como sendo “[...] a transformação domiciliar de matérias-primas fornecidas por um empresário contra pagamento por peça”. Ainda em proximidade a perspectiva marxiana, Matos (1993, p.66) afirma que o “[...] o trabalho domiciliar deve ser entendido como aquele realizado na habitação do trabalhador, por encomenda da empresa ou de seus intermediários, envolvendo geralmente a realização de uma tarefa parcial do processo produtivo [...] e cujo pagamento é feito por peça”.

Até o momento, alguns aspectos cruciais da definição clássica (marxiana) de trabalho domiciliar poderiam ser ressaltados. O primeiro diz respeito, exatamente, ao locus de execução da atividade. Não há, por assim dizer, trabalho domiciliar fora do espaço da casa. A execução da atividade no âmbito da casa representaria, portanto, o pressuposto fundante do trabalho domiciliar. Tal constatação, embora banal, destaca um elemento importante, uma vez que, na modernidade, os espaços de produção e reprodução encontram-se em ambientes distintos (casa e fábrica). Tal imbricação do universo da produção e da reprodução, aliada ao fato de que grande parte da mão-de-obra inserida nesta atividade é composta de mulheres, ensejaria dificuldades na separação entre o trabalho domiciliar e as atividades propriamente domésticas (lavar, passar, cozinhar, etc.).

Um outro componente importante da definição marxiana clássica de trabalho domiciliar diz respeito a presença de um agente (ou mais de um) que intermedia as relações entre o universo da casa e o mercado. De acordo com esta ideia a figura do trabalho domiciliar somente existiria no momento em que uma empresa ou um intermediário contratasse a fabricação de tarefas parciais do processo produtivo de um trabalhador que desempenhasse suas funções no âmbito da casa. Convém notar que fica clara, nesta afirmativa, uma natureza de subordinação do trabalho domiciliar em relação às empresas contratantes. Grande parte desta subordinação está relacionada ao controle que a empresa mantém sobre as especificações da produção, aos prazos de entrega, bem como, em alguns casos, sobre a propriedade da matéria-prima e das máquinas.

Como grande parte das encomendas decorre, necessariamente, das flutuações de demanda é plausível dizer que a distribuição temporal do trabalho não obedece a uma uniformidade aparente. Aliás, a flexibilidade do tempo é, exatamente, um dos objetivos do capital na utilização deste tipo de mão-de-obra. Na medida em que estes trabalhadores levam partes do serviço para casa, há uma forte possibilidade de que os tempos de trabalho acabem por interferir nas horas de lazer deste indivíduo.

A dimensão temporal aparece, assim, na atividade domiciliar, de uma forma bastante evidente. Intercalada pelas ocupações domésticas (cuidar das crianças, lavar a roupa, cozinhar, entre outras), o trabalho domiciliar estendia-se em longas jornadas de trabalho.

Outro elemento importante ressaltado na definição acima é a delimitação da natureza da remuneração inserida no âmbito do trabalho domiciliar. De acordo com Matos (1993), o tipo de remuneração presente no universo do trabalho domiciliar é, fundamentalmente, de natureza variável. Como destacam alguns estudos (Tomei, 1999 ; Abreu & Sorj, 1993 ; Lavinias et al., 2000), na grande maioria dos casos, a remuneração dos trabalhadores domiciliares está intimamente relacionada ao número de peças fabricadas, ou seja, somente se ganha por aquilo que foi produzido. Cumpre destacar, ainda, o aspecto complementar da renda obtida através do trabalho domiciliar. Uma vez que grande parte da mão-de-obra alocada neste tipo de atividade é constituída de mulheres casadas e com filhos, as mesmas enxergam tal atividade como um incremento na renda familiar que não atrapalha, necessariamente, as funções domésticas no âmbito da casa (lavar, passar, cuidar dos filhos, entre outros).

Outros fatores importantes na composição da remuneração dos trabalhadores domiciliares diz respeito a um componente concorrencial, fruto da dispersão espacial dos mesmos, a abundância de mão-de-obra em determinados distritos e a origem sócio-econômica dos mesmos.

É interessante notar, de acordo com Tomei (1999), que as primeiras críticas e movimentos sociais contra o trabalho domiciliar começaram a surgir a partir de fins do século XIX. Embora houvesse um clima de insatisfação social em relação às condições deste tipo de trabalho, alguns setores não propunham sua abolição, mas sim um melhoramento das condições nas quais ele era executado. Grande parte da explicação para este fato estava relacionada com a ideia de que manter a mulher trabalhadora no âmbito da casa serviria como um fator de integração e consolidação da família. Ao final, o que

acabou prevalecendo foi a posição sindical que solicitava a erradicação deste tipo de ocupação, pois argumentava-se que, além de subtrair as mulheres de suas tarefas domésticas e responsabilidades familiares, este tipo de trabalho reduzia as oportunidades de emprego na fábrica para os homens. Além disso, a existência do trabalho domiciliar fazia com que o poder de negociação dos operários ficasse extremamente debilitado em questões como melhoria de condições nas fábricas e aumentos salariais.

Em uma segunda frente de atuação, diversos reformadores sociais buscaram associar, através de campanhas públicas, os perigos da atividade domiciliar para a saúde dos trabalhadores, bem como de sua família. O medo da contaminação, tuberculose principalmente, fez com que uma série de boicotes a mercadorias produzidas por meio do trabalho da agulha domiciliar ocorresse no Brasil do início do século (sacos, camisas, roupas em geral e de cama e mesa).

No início do século XX, a posição governamental acerca do trabalho domiciliar passou a ser, pelo menos no caso americano, pela extinção. De acordo com Boris (1987), o *National Recovery Administration* (NRA), fruto do New Deal, estabeleceu rígidos códigos para a competição justa entre as empresas e incluía, prontamente, a proibição do trabalho domiciliar em centenas de indústrias.

É interessante ressaltar, conforme nos mostra Tomei (1999), que esta postura pela extinção do trabalho domiciliar acabou se espalhando por organismos internacionais. A própria OIT, na Conferência de Havana (Cuba) dos anos vinte, condenou esta forma de trabalho e incitou seus Estados-membros a promover sua eliminação. Em conformidade com esta orientação, a OIT adotou convênios sobre salário mínimo, limitação da jornada e do trabalho noturno, reforçando a invisibilidade do trabalho domiciliar no mundo.

Abreu (1986, 59) nos mostra, no entanto, que mais do que qualquer intervenção direta do governo ou de organizações sindicais, “[...] o enfraquecimento do trabalho a domicílio resultou das mudanças no sistema produtivo”. Tal perspectiva fez com que, logo após a Primeira Guerra Mundial, o trabalho a domicílio estivesse restrito a apenas alguns setores específicos da economia. Ao mesmo tempo, o trabalho domiciliar deixou de fazer parte do universo de interesses dos observadores sociais, sendo relegado ao cotidiano invisível das donas de casa.

De acordo com Silver (1989), esta invisibilidade permaneceu inalterada, contudo, até o início da década de setenta, onde transformações na organização da produção capitalista, o aumento da competição internacional interfirmas e o aparecimento de novas

tecnologias (computador, principalmente), favoreceram a retomada desta atividade no mundo. É dentro deste novo contexto que há um ressurgimento da aplicação e da discussão a respeito do trabalho domiciliar. De acordo com Dangler (1989), essa retomada do trabalho domiciliar atenderia, principalmente, a necessidade das empresas no que diz respeito ao atendimento de demandas de mercado flutuantes e a redução de custos operacionais. Graças ao aumento da competição interfirmas no mundo, as empresas estariam utilizando, cada vez mais, amplas de redes de subcontratação onde o elo final da cadeia seriam os trabalhadores domiciliares individuais. Ainda para o autor, o trabalho domiciliar seria um tipo particular de descentralização da produção cuja expansão nas décadas recentes estaria atado ao processo global de reestruturação do capital. Para Dangler (1989), em setores produtivos particulares (como por exemplo a indústria de eletrônicos), este tipo de atividade estaria tendo um papel fundamental na competição baseada em custos.

Para Delaney (2004), tal força de trabalho, estimada em termos globais em aproximadamente 300 milhões de indivíduos, estaria intimamente relacionada ao crescimento do setor informal. Tal associação pode ser visualizada, ainda, em Pearson (2004) que afirma ser crescente a relação entre informalidade e trabalho domiciliar. Para a autora, mesmo países com setores formais tradicionalmente estruturados (no caso latino-americano: Chile e Argentina) ou com economias fortemente planejadas (economias do leste europeu), testemunharam crescentes aumentos em atividades de cunho domiciliar. Em uma perspectiva próxima, Silver (1989) afirma que, em momentos de maior desemprego e pobreza haveria uma tendência de aumento no número de trabalhadores domiciliares.

É importante destacar, neste sentido, que há um relativo consenso por grande parte dos autores (Felstead & Jewson, 2000; Dangler, 1989; Tomei, 1999; Abreu, 1986) apontando para o crescimento numérico desta atividade. Ao analisar a realidade americana a partir dos dados do Censo Populacional de 1990, Felstead & Jewson (2000), apontam, por exemplo, um crescimento de, aproximadamente, 56 % no número de indivíduos que trabalham em casa entre as décadas de 80 e 90.

Utilizando dados do *Labour Force Survey* (LFS), Felstead et al. (2000) apontam uma tendência semelhante para o mercado de trabalho inglês. Os autores apontam que o contingente de indivíduos que afirmavam trabalhar "principalmente em casa" (*mainly at home*) praticamente dobrou entre os anos de 1981 e 1998. No que se refere ao primeiro

ano, o número de trabalhadores girou em torno de 345.920 (cerca de 1,5 % do total da força de trabalho), enquanto que no segundo ano (1998) o valor foi de 680.612 (2,5 %). Outro exemplo de crescimento no cenário europeu é relativo ao caso francês. Para este país, o percentual da força de trabalho com idade superior a 15 anos que trabalhava em casa girava, em 1992, em torno de 0,8 %. Em 1996, no entanto, este valor subiu para algo em torno de 5,0 %.

Analisando exemplos de outros continentes, Felstead & Jewson (2000), nos mostram dados relacionados aos Censos Populacionais de Hong Kong (1961, 1971 e 1981) que apontam um crescimento no percentual de mulheres que trabalham em casa da ordem de 4,71 pontos percentuais entre os anos de 1971 (0,34 % do total de mulheres) e 1981 (5,05 %). Cumpre destacar que, neste momento, que a presença de mão-de-obra feminina no trabalho domiciliar é, aliás, uma importante realidade destacada pela grande maioria dos estudos publicados acerca da temática (Lavinias et al., 2000; Abreu, 1986; Abreu & Sorj, 1993; Tomei, 1999; Verdera, 1998; Jelin et al, 1998).

Para Dangler (1989), no entanto, este novo e crescente trabalho domiciliar não estaria restrito, contudo, às indústrias tradicionais (têxtil e calçadista, por exemplo). O aparecimento do computador e da internet fizeram com que o rol de atividades domiciliares possíveis amplie-se consideravelmente. Para Felstead & Jewson (2000), esta série de inovações tecnológicas e gerenciais aumentou, consideravelmente, as possibilidades de ganho a partir do espaço do domicílio. Para os autores, atualmente, atividades diversas como: montagem de componentes eletrônicos, endereçamento de envelopes, processamento de reclamações de seguros, processamento de textos, dentre outros, podem ser executadas dentro do espaço da casa por trabalhadores domiciliares.

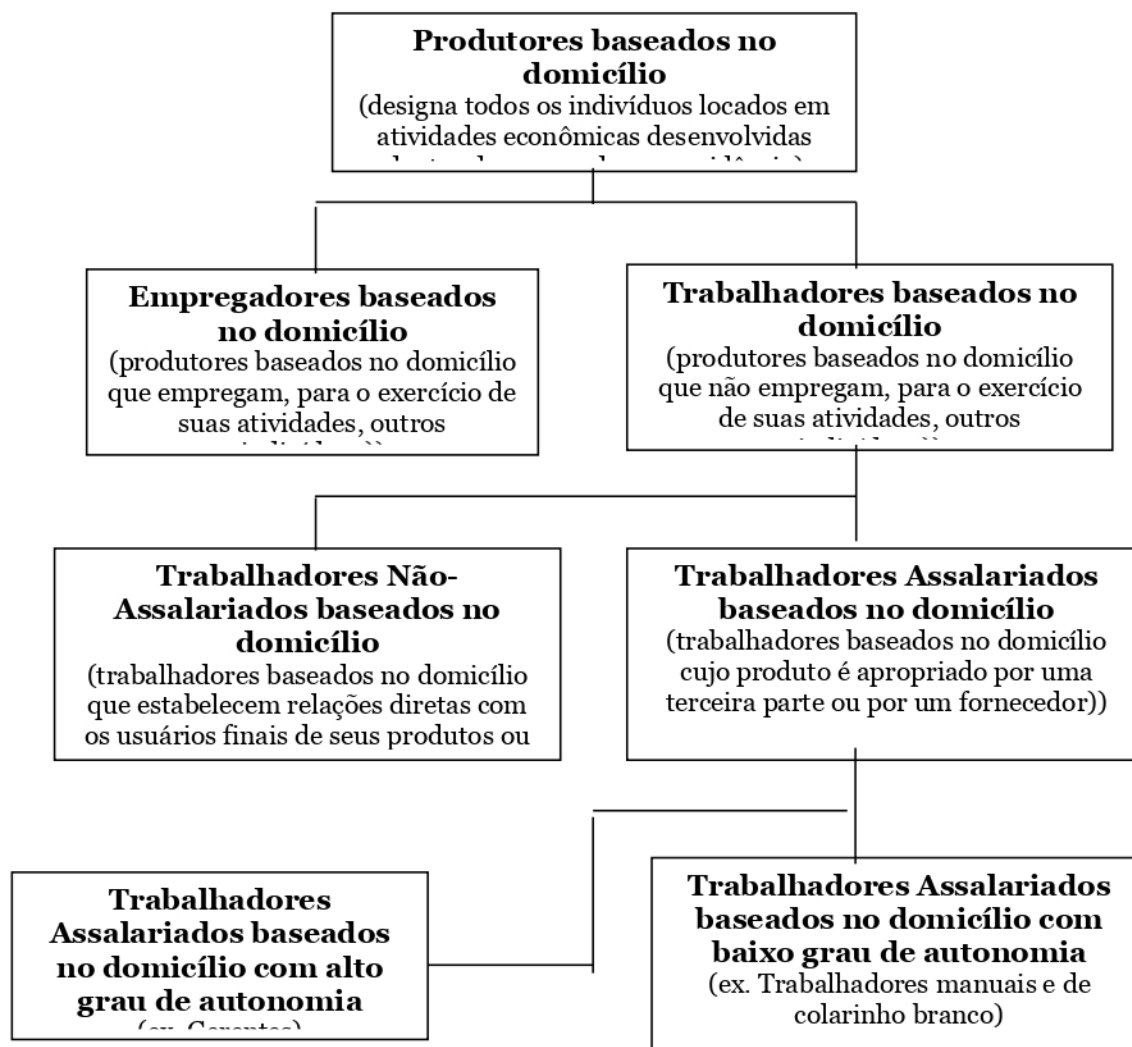
Segundo Jelin et al. (1998), esta nova realidade tem atualizado e renovado consideravelmente os debates sobre a definição mesma do que seja trabalho a domicílio. Dentre as alternativas conceituais propostas neste novo contexto, destaca-se a presente na Convenção 177 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) de 1995. Nesta perspectiva, trabalho domiciliar seria definido como:

[...] o trabalho que uma pessoa realiza: (1) em seu domicílio ou em outros locais que escolha, distintos dos locais de trabalho do empregador; (2) em troca de uma remuneração; (3) com o objetivo de elaborar um produto ou prestar um serviço conforme as especificações do empregador, independentemente de quem forneça o equipamento, os materiais ou outros elementos utilizados, a menos que essa

pessoa tenha o grau de autonomia e de independência econômica necessário para ser classificado como trabalhador independente em virtude da legislação nacional ou de decisões judiciais (Jelin et al., 1998, p.02)

Para Felstead & Jewson (2000), não há uma única definição de trabalho domiciliar que seja internacionalmente conhecida. Para os autores, mesmo dentro de um mesmo país, alternativas conflitantes podem ser utilizadas por diversos autores, implicando, necessariamente, em uma imprecisão numérica e metodológica a respeito da matéria. Analisando dados de pesquisas em diversos países (EUA, Inglaterra, União Européia, Austrália, por exemplo), os mesmos optam por uma abordagem metodológico-conceitual mais ampla do trabalho domiciliar que pode ser melhor compreendida utilizando a figura 1 abaixo:

Figura 1 - Trabalho Domiciliar



Fonte: Felstead & Jewson (2000)

Conforme pode ser observado no alto do diagrama acima, o primeiro nível, denominado “produtores baseados no domicílio”, designa aqueles indivíduos locados em atividades econômicas desenvolvidas por membros de famílias que produzem, dentro do espaço de sua residência, produtos para serem comercializados no mercado. É importante destacar que tal definição parece abarcar uma variedade enorme de atividades (industriais e de serviços) que incluiriam desde a fabricação de partes do processo produtivo do calçado até a prestação de serviços de cabeleireiro.

Uma vez que o conceito de “produtores baseados no domicílio” é bastante generalista, Felstead & Jewson (2000) propõem um segundo nível de desagregação baseado, fundamentalmente, no controle sobre a força de trabalho de outros. Para tanto, os mesmos dividem o primeiro nível em dois: “empregadores baseados no domicílio” e “trabalhadores baseados no domicílio”. De acordo com os autores, o conceito de “empregadores baseados no domicílio” designa os indivíduos engajados em uma atividade econômica ligada ao mercado, dentro do espaço de sua residência, que empregam mão-de-obra (donos de hotéis que funcionam em suas próprias residências e que empregam mão-de-obra, por exemplo). “Trabalhadores baseados no domicílio”, ao contrário, designa os indivíduos engajados em uma atividade econômica ligada ao mercado, no espaço de sua residência, que não empregam mão-de-obra (massagista, por exemplo).

Cumpre destacar que este último conceito (“trabalhadores baseados no domicílio”) abarca, ainda, uma variedade enorme de atividades. Como forma de melhor compreender a realidade estudada, os autores propõem um terceiro nível de desagregação: “trabalhadores não-assalariados baseados no domicílio” e “trabalhadores assalariados baseados no domicílio”. Para Felstead e Jewson (2000), estariam inseridos no primeiro grupo, aqueles trabalhadores que estabelecem relações diretas com os usuários finais de produtos ou serviços. Há, por assim dizer, um contato muito próximo entre o indivíduo que executa a atividade e o consumidor final do produto ou serviço. É possível incluir nesta categoria, por exemplo, mecânicos, cabeleireiros, massagistas, etc. Os indivíduos inseridos no segundo grupo, ao contrário, estabeleceriam relações apenas indiretas com os usuários finais de produtos ou serviços. Há, neste sentido, uma apropriação do produto ou serviço por terceiros.

Um último nível de desagregação proposto pelos autores divide, conforme pode ser visto no diagrama acima, a categoria denominada “trabalhadores assalariados baseados no

domicílio". Para tanto, Felstead & Jewson (2000) observam o grau de autonomia que o indivíduo vivencia no desempenho de suas atividades. Os trabalhadores locados no espaço da casa, cujo produto ou serviço é apropriado por terceiros, e que possuem um relativo grau de autonomia frente à atividade, poderiam ser agrupados no conceito de "trabalhadores assalariados baseados no domicílio com alto grau de autonomia". Ao contrário, trabalhadores que executam atividades em casa, cujo produto ou serviço é apropriado por terceiros, e que possuem um baixo grau de autonomia frente a atividade, poderiam ser caracterizados como "trabalhadores assalariados baseados no domicílio com baixo grau de autonomia" (costureiras na indústria têxtil, por exemplo). Cumpre destacar, que é somente nesta última categoria, segundo os autores, que estariam localizados os trabalhadores a domicílio representados na literatura de inspiração marxista.

### **3 Método**

Este estudo, de natureza essencialmente qualitativa, foi realizado junto a representantes de grupos sociais diretamente relacionados a atividade de confecção (donos de empresas de confecção, de acabamento, de costura, poder público, sindicatos, bem como trabalhadores domiciliares) da cidade de Jaraguá/GO. Tendo como objetivo principal analisar as configurações do trabalho domiciliar em um importante pólo de confecções do Estado de Goiás, especialmente a partir do discurso dos diversos públicos envolvidos, optou-se por uma metodologia que privilegiasse aspectos de natureza crítica e reflexiva.

#### **3.1 Coleta de Dados**

Para fins deste trabalho, foram realizadas 15 (quinze) entrevistas semi-estruturadas no período de abril a setembro de 2012, junto a representantes de grupos sociais diretamente relacionados a atividade de confecção na cidade de Jaraguá/GO. Tais entrevistas foram gravadas e transcritas, de modo que pudessem ser recuperadas e analisadas conforme a orientação teórica proposta e os objetivos da pesquisa. A justificativa para a utilização de entrevistas semi-estruturadas neste trabalho residiu no fato de que o entendimento da realidade pesquisada deveria ser buscado no próprio discurso fornecido pelos entrevistados. Na medida em que falam de sua própria realidade,

os entrevistados deixam transparecer, além dos fatos objetivos, elementos subjetivos que podem ajudar a esclarecer o fenômeno estudado.

### **3.2 Análise de Dados**

O procedimento de análise de dados inseriu-se no campo da análise de discurso (Fiorin, 2003; Maingueneau, 1998; Iñiguez, 2005). Tendo como objetivo fundamental a transposição do limite formal do enunciado e uma aproximação do universo semântico (principalmente em seu aspecto ideológico), o campo da análise do discurso nasceu no horizonte do marxismo francês da década de sessenta e avançou, sobremaneira, sobre outras disciplinas como a Sociologia e a Antropologia. Uma vez que as configurações do trabalho domiciliar foram apreendidas no campo do discurso, entendeu-se que tal abordagem seria a mais adequada na compreensão das condições de produção e reprodução de tal atividade no contexto das cidades escolhidas.

## **4 Discussão de Resultados**

Inicialmente, observamos que a produção do jeans inicia-se com o processo de criação. Tal etapa, conforme pode ser observada nos fragmentos discursivos (001) e (002), parece consistir em dois momentos particulares: a criação em si (onde, a partir da observação das tendências da moda ou das demandas particulares de clientes, um profissional, interno ou externo a empresa, desenha o modelo do produto) e a modelagem (esta etapa consiste na "transposição" do modelo para vários tamanhos de calças). Tais etapas, fundamentais no processo produtivo do jeans, parecem ser executadas, no âmbito da cidade, principalmente, em escritórios autônomos que prestam serviços para várias empresas (fragmento 001). Tal afirmação está baseada, ainda, na idéia de que, no pólo de confeções de Jaraguá, o número de empresas que concentram em suas instalações todas as atividades é da ordem de 10 a 12 (fragmento (003)). Neste sentido, e por se tratar de uma atividade "menos rotineira" e de alto custo, parece haver uma tendência de terceirização destes trabalhos ou, até mesmo, de cópia de modelos pré-existentes na internet.

(001) [...] são profissionais autônomos [...] existem escritórios de autônomos [...] tem empresa em Jaraguá que tem seu grupo de estilistas próprios, mais as que tem é pouco (Entrevistado 04 - Poder Público)

(002) [...] primeiro é feito a criação do modelo [...] o estilista pega o modelo na internet [...] busca se um modelo e ai passa se para uma modelagem no papel. (Entrevistado 15 - Associação Comercial)

(003) [...] deve ter em torno de umas dez, doze empresas que fazem isso ai. (Entrevistado 03 - Dono de Acabamento)

Após a etapa de criação, o modelo, juntamente com o tecido, é levado para as mesas de corte. Neste momento, o objetivo consiste na formatação de partes de uma "peça modelo" (provavelmente de uma peça que nunca foi feita ou está em testes para produção) ou de partes para a produção em si. Ainda nesta etapa, cabe ao gestor, a decisão quanto ao número de peças por numeração (de tamanho) e por grade (de tipo). Em relação ao tamanho das peças, geralmente as empresas que trabalham com a linha adulta optam pelo corte de uma numeração entre os números 38 e 42.

Cumprir destacar que o trabalho executado nas mesas de corte parece ser executado tanto no interior das fábricas quanto por empresas terceirizadas. Conforme pode ser visto no fragmento (004), devido a procura por parte de empresas de fora do pólo de Jaraguá/GO, alguns empresários já executam atividades de corte, cobrando, em média, R\$ 30,00 por rolo de tecido.

(004) Essas pessoas que prestam serviço pra [...] pessoas que vem de fora, que não tem na própria empresa uma pessoa que faz o corte, a modelagem, então o preço em Jaraguá hoje tá bem variado. É [...] pra fazer um corte eles cobram por rolo, por exemplo, se a pessoa leva um pedido e vai gastar dois rolo, eles cobram R\$ 30,00 reais por rolo [...] (Entrevistado 12 - Instrutor de Cursos)

Há que se destacar, no entanto, que o trabalho de corte, seja executado no âmbito da própria empresa ou em uma fábrica terceirizada, apresenta contornos de periculosidade, principalmente no que tange ao uso das lâminas. Esta periculosidade, aliada ao esforço físico necessário na utilização do equipamento e no desempenho da própria atividade, faz com que a escolha da mão-de-obra efetuada pelos gestores, seja direcionada aos trabalhadores do gênero masculino, em um claro exemplo de divisão sexual do trabalho.

Após a etapa do corte, as peças seguem para a costura. Neste momento, a complexidade do processo aumenta consideravelmente, uma vez que a grande maioria das empresas terceiriza esta atividade para "facções" (fragmento (005)) que distribuem-se de maneira bastante esparsa no espaço da cidade (inclusive em vários domicílios). Além disto, tais empresas apresentam formatos e tamanhos diversos que tornam, ainda, mais complexa a realidade pesquisada (algumas, inclusive, executando atividades de corte e acabamento).

(005) [...] isso (a costura) também é terceirizado [...] tem internamente mais grande parte é terceirizado. (Entrevistado 04 - Poder Público)

Inicialmente, convém destacar que a opção pela terceirização passa, principalmente, por uma estratégia de flexibilização da produção por parte das empresas de confeções. Dito de outra forma, a sazonalidade presente no setor de fabricação e comercialização de jeans, com demanda crescente a partir de junho e julho, faz com que os empresários da cidade optem por contratar pequenos estabelecimentos (facções), com quantidades variáveis de funcionários e/ou familiares, muitas vezes estabelecidos em residências, como forma de reduzir custos de produção (principalmente, com custos de mão-de-obra).

É interessante notar que esta rede de subcontratações, que se espalha "por fios invisíveis" no espaço da cidade, também alcança municípios circunvizinhos de Jaraguá/GO e amplia, consideravelmente, o alcance do pólo de confeções. Pode-se inferir, ainda, a partir desta realidade, que a "migração" do trabalho de facções para outras cidades, além de reduzir os custos de produção, teria, como consequência, um enfraquecimento do poder de barganha destes "pequenos empresários", em especial, no seu ganho salarial (com uma média salarial de, aproximadamente, R\$ 900,00).

No que diz respeito a caracterização destes estabelecimentos (facções), algumas considerações devem ser feitas. Em primeiro lugar, como pode ser observado no fragmento (006), embora pareça haver facções que possuem grande quantidade de mão-de-obra, a maioria parece apresentar uma quantidade reduzida.

(006) Se você andar na nossa cidade você não vai conseguir... você vai conseguir aí no máximo 15 facção com mais de 50, 60 funcionários... por falta da mão de obra. Cê vai encontrar as facções, geralmente é em torno de 8 pessoas, de 7, de 6, de 3... (Entrevistado 10 - Dono de Acabamento)

Tal realidade parece ter implicações na forma de organização da produção no âmbito destas facções. Conforme pode ser visto no fragmento (007), facções de grande porte parecem optar por uma extensa e intrincada divisão do trabalho como forma de aumentar sua produtividade.

(007) Se a confecção tiver 50 funcionários, uma peça de calça ela repassa em todos os funcionários. Cada um faz uma pequena parte naquela calça até ela sair prontinha lá na frente. [...] a peça quando ela entra na... na parte de produção, de costura, cada parte, cada costureira faz uma parte. (Entrevistado 12 - Instrutor de Cursos)

Na medida em que analisamos empreendimentos de pequeno porte (com uma quantidade de funcionários entre 03 e 08 indivíduos), começamos a observar que a produção, embora seja feita de maneira especializada (cada um executando a sua tarefa), é composta por um tipo de trabalhador que possui conhecimentos práticos para atuar nas diversas máquinas da facção, caso seja necessário. Cumpre destacar que a aquisição destes equipamentos faz-se, muitas vezes, através do descarte de empresas que estão em processo de inovação ou através da utilização gradativa do crédito bancário.

Há que se destacar, ainda, que a mão-de-obra predominante neste tipo de empreendimento parece ser, em sua maioria, de natureza familiar, conforme pode ser visto no fragmento (008).

(008) A maioria é família.[...] Um irmão que ajuda o outro irmão, aí vem a cunhada... É raro ter uma pessoa, eu "puis", eu... coloquei, e o marido, ou os filhos, ou um primo... ou não tem, os familiares, sem... sempre os familiares. Essa facção mesmo que eu mando as minhas camisetas, é a mãe, a filha e uma funcionária. (Entrevistado 10 - Dono de Acabamento)

Neste sentido, a utilização do espaço da casa como *locus* de produção e reprodução parece ser uma escolha até certo ponto natural para os componentes deste pequeno empreendimento. Há, por assim dizer, uma imbricação de duas realidades distintas (casa e trabalho) que tornam ainda mais complexas as relações familiares e as relações de trabalho. Conforme pode ser visto no fragmento (009), o espaço da casa, nestas situações,

passa a ser "invadido" pelas atividades de facção que se apropria dos diversos cômodos da casa.

(009) Vai chegar casas aí que ocê vai encontrar duas máquina num quarto, duas na sala, duas na cozinha, duas no alpendre... ele dentro numa casa com oito, dez máquinas trabalhando porque não dá pra ele juntar, então eles ocupam um "espaçozinho" da casa lá pra manter lá o... sei lá, a cama sabe [...] e duas máquina... lá na cozinha lá tem, na "areazinha" tem. (Entrevistado 06 - Dono de Acabamento)

Esta "invasão" do domicílio por parte das atividades da facção parece afetar não somente a organização dos espaços, mas também, a própria dinâmica familiar, especialmente, no que diz respeito a temporalidade e a divisão de papéis. Tendo em vista o fato de que a remuneração destes empreendimentos está baseada na produtividade, bem como a ideia de que determinadas etapas do processo produtivo são gargalos (lavanderia, por exemplo), o tempo de trabalho destas pessoas no domicílio acaba por avançar até a noite, infringindo uma longa jornada de trabalho para os mesmos. Cumpre destacar, ainda, que um dos grandes "desejos" destes indivíduos consiste, exatamente, na construção de galpões em seus terreiros para tentar, de alguma forma, separar as duas dinâmicas (casa e trabalho).

(010) [...] aí depende muito do... do dono da facção. Aquele camarada que é guerreiro, que... e que é lutador, que senta na cadeira 7:00 horas da manhã e muitas vezes para de 22:00 da noite [...] o pessoal é guerreiro, muito guerreio, mas é difícil de trabalhar sexta-feira. Eu saio com você pra mostrar aí os companheiro trabalhando, nós... se for durante assim, se fosse uma visita de terça, quarta-feira, não teria problema nenhum de nós chegar de 21:00 horas e do cê encontrar 8, 10 trabalhando. (Entrevistado 13 - Dono de Confecção)

Esta ideologia do trabalho árduo como forma de superação da dificuldade, conforme pode ser visto no fragmento (010) no uso dos termos "guerreiro" e "lutador", parece denotar, no imaginário popular, a ideia de que é possível ascender socialmente (fragmento (011)).

(011) [...] Eu conheço crianças que da minha época que eram crianças que eram filhos de domésticas, que hoje andam de carrão e tem... tem lotes e casas aqui no setor aeroporto. (Entrevistado 07 - Dono de Acabamento)

Após o processo de costura, o jeans segue para as lavanderias (existem cerca de 12 na cidade). Nesta etapa, bastante terceirizada devido ao alto custo do investimento nas máquinas (de lavar, de torcer, de secar, entre outras), as peças costuradas serão lavadas com produtos químicos para alterar seu visual e melhorar suas condições de comercialização. Conforme pode ser visto no fragmento (012), uma lavanderia média processa cerca de quarenta mil peças por mês a um custo (por quilo) que depende, em grande parte, da dificuldade inerente ao produto fabricado.

(012) [...] A lavanderia já é mais difícil, porque é uma coisa assim a estrutura já é mais alta né, e as vezes a empresa fabrica muito mais não fabrica aquela quantidade que é para manter aquela quantidade ao tempo todo né, porque hoje uma lavanderia lava em torno de quarenta mil peças ao mês. (Entrevistado 03 - Dono de Acabamento)

Tendo em vista a escassez de lavanderias na cidade, fruto do alto investimento necessário para sua implementação, esta etapa do processo produtivo dita, de certa forma, a temporalidade do processo seguinte do acabamento.

Conforme pode ser visto no fragmento (013), parece haver uma grande quantidade de pequenos empreendimentos que prestam serviço de acabamento, que se encontram espalhados pela cidade de Jaraguá/GO. Há que se destacar, no entanto, que números exatos são relativamente difíceis de serem levantados, uma vez que grande parte destes empreendimentos estão instalados no interior das casas (principalmente ao fundo). Tal "cultura", fomentada em grande parte pelas práticas de falsificação de grandes marcas na década de noventa, parece ter persistido no tempo infringindo no imaginário a ideia de que cerca de "70% das casas" da cidade possuem estabelecimentos desta natureza.

(013) [...] tem nossa... eu acho que 70% das casas aqui tem acabamento dentro dela. [...] é porque a gente trabalha mais é no fundo. [...] aos três anos atrás faziam muita roupa falsificada né e então já ficava mais escondida, e agora não já diminuiu muito a falsificação porque a fiscalização estava em cima né, e aí a maioria das pessoas já registrou marca né, mais como já era falsificada já fazia mais para o fundo né, e aí só continuou no mesmo lugar (risos). (Entrevistado 02 - Catadora de Linha)

Uma característica importante destes empreendimentos, diz respeito a prestação de serviços de acabamento para diversas empresas ao mesmo tempo (cerca de três a quatro clientes), conforme pode ser visto no fragmento. Tal realidade acaba infringindo, a estes empreendimentos, um fluxo de produção de cerca de setecentas peças por mês, principalmente em épocas do ano de maior demanda (final do ano, principalmente).

Além disto, este fluxo de produção não é distribuído de maneira uniforme ao longo da semana (o maior fluxo inicia-se a partir da quarta-feira e estende-se até o domingo). Parte da explicação para tal realidade pode estar relacionada, conforme dito acima, no gargalo presente na etapa da lavanderia.

A realidade acima exposta traz, como consequência, um acirramento da produtividade destes empreendimentos que, para cumprir seus contratos (verbais, inclusive), avançam em longas jornadas de trabalho (fragmento (014)) com a participação de membros da família (fragmento (015)).

(014) [...] não, tendo a gente trabalha o dia todo, tipo na terça feira chega ai a gente já leva para cata, e quarta feira de manha já esta ai para começa a trabalhar, começa ai seis meio a sete horas e ai vai e tem vez que vai para noite também... para soltar o serviço né. (Entrevistado 03 - Dono de Acabamento)

(015) Ai se tem a família inteira bordando, a mãe, a filha, o pai e o filho de 15 anos bate o botão prega etiqueta e a mãe e a filha borda as outras partes, e são esse anônimos que a família monta para ajudar na renda. (Entrevistado 14 - Dono de Acabamento)

Em relação a forma de pagamento pelo serviço prestado, destaca-se que há uma tendência pelo pagamento por produção por parte das empresas (ou indivíduos) contratantes. Neste sentido, o custo do acabamento acaba girando em torno de R\$ 1,00 a R\$ 2,00 por peça, variando de acordo com a complexidade do trabalho a ser executado. Há que se destacar, no entanto, que a matéria-prima utilizada no acabamento é fornecida pela empresa ou indivíduo contratante e que o dano causado a uma peça é de responsabilidade do executor do serviço.

Dentre as atividades do acabamento, cumpre destacar uma que é especialmente desempenhada no espaço do domicílio, qual seja, o "catar linha". Tal atividade, extremamente "invisível" e "precarizada", configura-se como a última etapa do processo

produtivo de fabricação do Jeans na cidade de Jaraguá/GO e é desempenhada, normalmente, por mulheres e seus filhos (fragmento (016)).

(016) [...] são mais é mulheres. [...] tem mais velhas e tema mais novas também, inclusive a gente tem umas duas ali que é menina de doze, treze anos então ta... e não tem só aquela questão que tem que ser só aquela idade tem que ser do interesse da pessoa assim. (Entrevistado 03 - Dono de Acabamento)

(017) [...] em casa são os anônimos que falam. [...] É mais é mulher e ai ela percebe que a dona de casa pega umas cem peças, cem, duzentas peças por dia [...] E eu acho que pode falar que mais mulher. (Entrevistado 15 - Associação Comercial)

É interessante notar, neste sentido, a interessante primeira frase do fragmento (017) na qual o enunciador afirma que "em casa são os anônimos que falam". Inicialmente, convêm destacar a associação entre o gênero feminino (grupo social tradicionalmente discriminado em nossa sociedade) e o termo anonimato. Neste sentido, o "anonimato" destas catadoras de linha poderia estar relacionado com sua ausência no espaço público (no universo do trabalho formal, principalmente) e a sua conseqüente segregação no espaço do domicílio. Neste espaço (domicílio), portanto, a mulher seria detentora de "voz", uma vez que "na casa, os anônimos fariam". Derivada desta constatação, a "voz" destas mulheres não seria ouvida no espaço exterior ao da casa (espaço rua), tradicionalmente associado e dominado pelo universo masculino.

Quando observamos o motivo pelo qual mulheres são contratadas para tal atividade, notamos, também, uma clara conotação de gênero. É importante ressaltar que a decisão destas mulheres de optar pelo trabalho de catar linha (trabalho domiciliar) tem um impacto fundamental na construção de suas identidades. Quando o universo da reprodução e da produção convergem em um mesmo espaço físico e na mesma pessoa, a possibilidade de criação de uma identidade autônoma fica extremamente debilitada. Nesta perspectiva, os papéis demandados pelo gênero feminino como: costurar, lavar e cuidar dos filhos (fragmento (018)) são constantemente reforçados e, conseqüentemente, repassados às filhas menores. Um outro fator importante a ser levantado na decisão da mulher de se trabalhar em casa está relacionado a imposição, por parte dos maridos, de que as mesmas não podem efetuar atividades remuneradas fora do domicílio (fragmento (019)).

(018) [...] é para trabalhar em casa mesmo, porque as vezes não tem como você sair ou tem muito filhos mesmo e então não tem jeito mesmo ai tem que arrumar um serviço para fazer em casa. (Entrevistado 03 - Catadora de linha)

(019) [...] é porque geralmente os maridos delas pelo menos as que eu levo eles não gostam que elas trabalham fora, ficam mais em casa e ai fazem os deveres de casa e acabam e ai fala ai eu não dou conto de ficar sem trabalhar e ai eu quero trabalha e geralmente quando a gente vai pedir elas falam assim. (Entrevistado 01 - Dono de Acabamento)

Em relação aos espaços da casa onde tal tarefa é desempenhada, parece haver uma preferência pelas áreas externas (varandas, principalmente), uma vez que tais locais apresentam maior ventilação e luminosidade.

Quanto a escolha destas mulheres para catar linha por parte dos contratantes, podemos observar que os parâmetros utilizados são, principalmente, a qualidade na execução do serviço (fragmento (020)) e a velocidade/produktividade. Tais parâmetros são "aferidos", normalmente, através da utilização de canais informais de comunicação como, por exemplo, o contato com outros contratantes ou pela aplicação de testes junto as catadoras (fragmento (022)). Tais testes, aliados a esta difusa rede de comunicações, parecem determinar a forma como se dará a inserção destas mulheres (catadoras de linha) na cadeia produtiva do jeans na cidade de Jaraguá/GO. Neste sentido, caso atendam as "especificações" (de qualidade e/ou produtividade) de seus contratantes, estas mulheres passam a ter "acesso" a uma rede que lhes dá acesso a maior ou menor quantidade de dinheiro.

(020) [...] geralmente é a qualidade né, porque tens umas que leva La para cata e volta desse jeito aqui, (risos) ai você tem que recatar tudo, mais é isso mesmo. Usar e informando os outros fulano é bom para catar e ai você vai, e se você leva em um lugar que é ruim para catar você não volta lá de novo (risos). (Entrevistado 08 - Catadora de linha)

(021) [...] é assim a pessoa passa você esta precisando, ta e ai a gente leva e faz um teste primeiro você leva um pouquinho para ver né, pra ver se deu certo se fez bem feito e se fez e ai continua a levar mais né. E se não, você viu que não vai da futuro você já chega e diz que não vai dar mais ai explica e abrir o jogo certinho para não ter problema né. (Entrevistado 14 - Dono de Acabamento)

Cumprir destacar que esta distribuição das peças junto as catadoras de linha atende aos critérios acima, mas, leva em conta, também, os prazos de entrega das roupas pelo próprio acabamento. Neste sentido, caso os prazos impostos pelas confecções sejam muito reduzidos, as empresas de acabamento tem de acelerar suas atividades "espalhando" suas peças por uma rede de catadoras (vizinhos, também) que, muitas vezes, distribui-se por bairros periféricos da cidade. Convém destacar, ainda, que a ampla maioria dos contratos firmados entre contratantes e as mulheres que catam linha são de natureza informal (acordos verbais), onde não existem registros da quantidade de peças confeccionadas, nem dos dias que foram feitos.

Quanto a natureza da atividade de catar linha em si, podemos observar que não se trata de um trabalho de difícil execução. Além disto, o único instrumento utilizado no exercício da atividade consiste em uma pequena tesoura adquirida pelas próprias mulheres que cortam linha. Tal realidade parece influenciar no valor do serviço pago pelos acabamentos para estas mulheres (cerca de R\$ 0,20 centavos por peça). Tal valor, aliado a quantidade média de roupas executada por dia (cerca de 50 peças), faz com que o ganho diário seja da ordem de R\$ 10,00 (fragmento (022)). Convém destacar, ainda, que, para este tipo de atividade, não há qualquer pagamento fixo e que nenhum dos direitos sociais são garantidos a estes trabalhadores. Além disto, os pagamentos são feitos, normalmente, por quinzena ou por mês, garantindo uma renda, para estas trabalhadoras, da ordem de R\$ 200,00 por mês.

(022) Ele não é difícil, porque a gente faz ele em casa, cuida da casa da gente e tudo, mas ganha pouco, porque... conforme a roupa, ocê faz até um pouquinho de dinheiro, mas conforme a roupa ocê não faz nada, que tem muita linha e é a R\$ 0,20 centavos a peça. A gente tem vez que não tira R\$ 10,00 real por dia. [...] Todo dia... e tem vez assim, quando a roupa é mais melhor de catar, até que eu cato mais. Mas... a roupa muito difícil, o máximo é 50. (Entrevistado 05 - Catadora de Linha)

No que diz respeito a jornada de trabalho destas mulheres, podemos observar que há uma "fusão" dos tempos da casa e do trabalho. Normalmente, as peças chegam nas casas por volta das 7:00h da manhã e tem prazo final de entrega para o contratante por volta das 16:00h. Neste intervalo, a mulher trabalhadora deve executar tanto as tarefas de

natureza doméstica (arrumar a casa, varrer, lavar a louça, fazer o almoço, etc), quanto a atividade laboral (catar linha).

(023) [...] Mas a catação da linha, ela traz dor nas costas, problema de coluna, dor nas vistas, que a gente ca... apura as vista demais, né... (Entrevistado 05 - Catadora de Linha)

Por fim, é importante destacar que, embora seja uma atividade simples de ser executada, a mesma infringe dores físicas a estes trabalhadores. Conforme pode ser visto no fragmento (023), as principais reclamações destes trabalhadores dizem respeito a dores nas costas, no pescoço, nas pernas e, principalmente, nos olhos.

#### **4.1 Implicações para a Teoria**

Tendo em vista a escassez de estudos sobre a temática do trabalho domiciliar no Brasil e no mundo, este artigo tem, por objetivo, lançar luzes e ampliar as discussões acerca de uma realidade pouco explorada e tradicionalmente ligada a grupos socialmente marginalizados, especialmente, mulheres e imigrantes. Neste sentido, busca-se uma compreensão multifacetada e complexa do mercado de trabalho brasileiro para além das fronteiras da dicotomia formalidade e informalidade.

#### **4.2 Implicações para a Prática**

As discussões apresentadas no âmbito deste estudo possuem amplo impacto na realidade das políticas públicas de nosso país, especialmente naquelas voltadas para o mercado de trabalho. Nota-se, a partir do exposto, que o mercado de trabalho apresenta fortes contornos de gênero, apresentando um considerável grau de segmentação. Compreender este universo segmentado é, assim, a nosso ver, fundamental para que as políticas de emprego realmente sejam eficazes em sua plenitude.

### **5 Conclusões**

O objetivo fundamental deste trabalho consistiu na compreensão das configurações do trabalho domiciliar em um importante pólo de confecções do Estado de Goiás (Jaraguá/GO).

Os dados da pesquisa sugerem uma extensa rede de subcontratação de pequenas "facções" que exercem atividades (informais) de costura e acabamento para várias empresas do país. Pôde-se constatar, ainda, um quadro de precariedade com baixos salários, insalubridade, longas jornadas, bem como ausência de direitos sociais, o que revela uma dinâmica contraditória de acumulação e riqueza por parte das empresas contratantes, e de empobrecimento e precarização no que tange ao processo produtivo que sustenta tais organizações.

Além disto, observa-se que tais empreendimentos, na maioria das vezes, funcionam nos espaços dos próprios domicílios, alterando sobremaneira a dinâmica familiar e reforçando determinados papéis de gênero que podem ser observados, também, ao longo de toda a cadeia produtiva de confecções (homens na atividade de corte, mulheres nas atividades de catar linha, entre outras).

### **5.1 Limitações da Pesquisa**

No que diz respeito as limitações da pesquisa, podemos destacar, especialmente, a incapacidade de transpor a realidade apresentada neste artigo para outros espaços onde o trabalho domiciliar também é executado. Neste sentido, as conclusões aqui apontadas dizem respeito, somente, a realidade apresentada no setor de confecções da cidade de Jaraguá/GO, não podendo, portanto, serem generalizadas para o restante do país.

### **5.2 Sugestões para Pesquisas Futuras**

Sugere-se, assim, que outras pesquisas tenham, por objeto, a comparação das realidades práticas e representacionais vivenciadas por este tipo específico de trabalhadores nos mais diversos pólos de confecção do país. Por fim, espera-se que, com este trabalho, todo um universo "invisível" e "precarizado", "lar" de um enorme contingente de trabalhadores, passe a ser objeto de reflexão por parte da academia, possibilitando a geração de estudos e pesquisas que busquem problematizar essa realidade.

## Referências

- Abreu, A. *O avesso da moda: trabalho a domicílio na indústria de confecção*. São Paulo: Hucitec, 1986.
- \_\_\_\_\_; Sorj, B. Trabalho a domicílio e relações de gênero: as costureiras externas no Rio de Janeiro. In: Abreu, A.; Sorj, B. (Eds). *O trabalho invisível: estudos sobre trabalhadores a domicílio no Brasil*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1993.
- Benería, L.; Roldán, M. *The Crossroads of Class and Gender: Industrial Homework, Subcontracting, and Household Dynamics in Mexico City*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1987.
- Boris, E. Homework and Women's Rights: The case of the Vermont Knitters, 1980-1985. *Signs*, 13, , Women and the Political Process in the United States, 1987.
- Bruschini; Ridenti. Desvendando o oculto: família e trabalho domiciliar em São Paulo. In: Abreu, A.; Sorj, B. (Eds). *O trabalho invisível: estudos sobre trabalhadores a domicílio no Brasil*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1993.
- Dangler, J. *Hidden in the Home: The role of waged homework in the modern world economy*. New York: State University of New York Press, 1994.
- Daniels, C. Between Home and Factory: Homeworkers and the State. In: Boris, E.; Daniels, C. (Eds). *Homework: Historical and Contemporary Perspectives on Paid Labor at Home*. Chicago: University of Illinois Press, 1989.
- Delaney, A. Global Trade and Home Work: Closing the Divide. *Gender and Development*, 12, 2004.
- Felstead, A.; Jewson, N. *In Work at Home: Towards na understanding of homeworking*. London: Routledge, 2000.
- Felstead, A. et al. A Statistical Portrait of Working at Home in the UK: Evidence from de Labour Force Survey. *Esrc Future of Work Programme, Working Paper 4*, 2000.
- Fiorin, J. *Linguagem e Ideologia*. São Paulo: Ática, 2003.
- Iñiguez, L. *Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- Jelin, E.; Mercado, M.; Wyczykier, G. *El trabajo a domicilio en Argentina*. Ginebra: OIT, 1998. (Documento de discusión 27)
- Lavinas, L. et al. *Trabalho a domicílio: novas formas de contratualidade*. Rio de Janeiro: IPEA, 2000. (Texto para discussão 717).
- Lenin, V. *O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia*. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- Mangueneau, D. *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- Marx, K. *O Capital: Crítica da Economia Política*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- Matos, M. Trabalho domiciliar – trabalho de agulha: um estudo sobre a costura domiciliar nas indústrias de sacaria para o café (1890-1930). In: Abreu, A.; Sorj, B. (Eds). *O trabalho invisível: estudos sobre trabalhadores a domicílio no Brasil*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1993.
- Pearson, R. Organising Home-Based Workers in the Global Economy: An Action-Research Approach. *Development in Practice*, 14, 2004).
- Pennington, S.; Westover, B. *A Hidden Workforce: Homeworkers in England, 1850-1985*. London: Macmillan Education, 1989.
- Silver, H. The Demand for Homework: Evidence from the U.S. Census. In: Boris, E.; Daniels, C. (Eds). *Homework: Historical and Contemporary Perspectives on Paid Labor at Home*. Chicago: University of Illinois Press, 1989.
- Thompson, E. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- Tomei, M. *El trabajo a domicilio en países seleccionados de América Latina: una visión comparativa*. Ginebra: OIT, 1999. (Documento de discusión 29)
- Verdera, F. *Trabajadores a domicilio en el Perú*. Ginebra: OIT, 1998. (Documento de discusión 28)